

Editorial

Câncer na Infância

(ver artigo original na pág. 94 e pág. 102 e ver relato de caso na pág. 112)

Embora todos os grupos etários da população possam ser atingidos pelo câncer e tenham incidência e mortalidade crescentes à medida em que os indivíduos tornam-se mais velhos, um grupo se destaca, 0 - 14 anos de idade, constituindo-se alvo das neoplasias malignas, as mais diversas, sensibilizando a sociedade de maneira dramática.

No Município de São Paulo, o câncer na infância constitui 2,1% dos tumores que ocorrem na população.

As localizações mais frequentes em ambos os sexos são: sistema nervoso central, ossos, partes moles, rins, leucemias e linfomas.

Esses tumores podem ter comportamento clínico diferenciado para os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, em face de uma interação de fatores ambientais e do hospedeiro com as populações deste grupo etário.

Uma das neoplasias malignas, em que esta diferenciação é verificada, é a Doença de Hodgkin, em que seus subtipos histológicos são, também, diferentes nestas populações.

Nos países desenvolvidos, os pacientes apresentam-se assintomáticos, com estádios clínicos da doença mais iniciais e subtipo esclerose nodular, com ausência de subnutrição e deficiência imunológica.

Nos subdesenvolvidos, os pacientes são sintomáticos, com estádios clínicos mais avançados e subtipo celularidade mista e depleção linfocitária, com pior prognóstico; as condições do hospedeiro são diversas, apresentando-se subnutridos e com maior deficiência imunológica.

Outro aspecto que merece atenção, no grupo dos tumores de infância, é o comportamento psicológico, em face da doença câncer, que produz uma série de transformações na vida destas crianças e adolescentes.

A criança portadora de câncer tem a percepção em relação à doença e seu tratamento, de acordo com a experiência vivida por ela neste contexto. A doença e as internações têm um caráter desorganizador, extensivo também aos familiares.

As crianças que conseguem se expressar mais precoce e livremente sobre sua doença e participar mais no seu tratamento, apresentam menor comprometimento em sua saúde mental.

Há necessidade de se criar espaços nos quais esta expressão seja estimulada e acolhida, de modo a proporcionar uma vivência menos sofrida e mais compartilhada.

Assim, a participação dos adultos, familiares e profissionais de saúde é essencial neste processo. Como corolário, deve haver uma preocupação muito grande no preparo desses profissionais para trabalhar com todos os aspectos que envolvem o câncer na infância.

Antonio Pedro Mirra
Editor